



Upcycling/Hacking: tecendo códigos, costurando futuros

Upcycling/Hacking: weaving codes, sewing futures

Lucilene Mizue Hidaka¹, Lara Leite Barbosa²

¹Universidade de São Paulo (FAUD/USP), Doutoranda em Design, lucihidaka@usp.br

²Universidade de São Paulo (FAUD/USP), Professora Associada, barbosall@usp.br

Resumo. *O Manifesto Hacker, de McKenzie Wark, e as práticas de upcycling de resíduos têxteis pós-consumo compartilham uma essência política comum: ambos constituem formas de resistência criativa contra sistemas exploratórios. Enquanto o movimento hacker, no âmbito digital, questiona as estruturas de controle da informação; ativistas do upcycling transformam vestuários descartados em suportes materiais de ressignificação, abordando roupas usadas como softwares livres. Nesse contexto, o upcycling revela-se uma prática política emancipatória, protagonizada majoritariamente por mulheres que, por meio do design, das manualidades e das artes, contestam os sistemas capitalista, patriarcal e colonial. Este trabalho busca tecer um manifesto, ao demonstrar como upcyclers subvertem a lógica do descarte, transformando resíduos em narrativas de luta. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos feministas interseccionais, tendo conceitos do Manifesto Hacker como eixo conceitual central.*

Palavras-chave. *Manifesto hacker; hacktivism; história das mulheres; Upcycling.*

Abstract. *The Hacker Manifesto, de McKenzie Wark, and post-consumer textile upcycling practices share a common political essence: both constitute forms of creative resistance against exploitative systems. While the hacker movement, in the digital realm, challenges information control structures, upcycling activists transform discarded clothing into material vehicles of re-signification—treating used garments as free software. In this context, upcycling emerges as an emancipatory political practice, predominantly led by women who, through design, crafts, and arts, confront capitalist, patriarchal, and colonial systems. This work aims to weave a manifesto by demonstrating how upcyclers subvert the logic of waste, transmuting debris into narratives of struggle. Grounded in intersectional feminist theory, the study takes The Hacker Manifesto's concepts as its central conceptual framework.*



Keywords: *Hacker manifesto; hacktivism; women's history; upcycling.*

1 Introdução

O Manifesto Hacker (Wark, 2022) e as práticas do *upcycling* de resíduos têxteis pós-consumo parecem, à primeira vista, ocupar universos distintos: um fala em *bits*, o outro em tecidos; uma opera no virtual, o outro no material. No entanto, ambos compartilham um mesmo gesto político — a desobediência criativa contra sistemas de exploração. Se *hackers* desmontam códigos para libertar informação, *upcyclers* desmontam roupas para libertar memórias e o lixo. Roupas usadas descartadas podem ser ressignificadas por técnicas manuais e pelo processo criativo de *upcycling*. Enquanto plataformas do sistema *fast fashion* usam inteligência artificial para acelerar a produção, o consumo e o descarte; *upcyclers*, *suprarecicladoras*¹ ou transmutadoras têxteis², usam redes sociais para difundir técnicas de reaproveitamento. Grandes corporações cooptam inovações *hackers*, enquanto grandes marcas de moda se apropriam de técnicas ancestrais sem dar o devido crédito ou remuneração às comunidades criadoras. Assim como um *software* livre (Free, 2025) pode ser modificado, uma camisa descartada pode ser transformada em bandeira de luta.

Anualmente, a indústria da moda descarta cerca de 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis no mundo. Já no Brasil, são despejados 4,6 milhões por ano. Cada domicílio descartou cerca de 44 quilos de roupas e calçados, conforme o hub de inteligência especializado em gestão de resíduos e economia circular S2F Partners (Brasil, 2025). Na cidade de São Paulo, mais de 94 mil toneladas de resíduos têxteis (pré e pós-consumo) foram jogadas em aterros sanitários desde setembro de 2017 até o mês de junho de 2025 (SUSTEXMODA, 2025). Este cenário é causado pelo excesso de produção, consumo e descarte do sistema *fast fashion*. Partindo deste contexto, este trabalho traz a discussão da prática do *upcycling* para além de uma atividade ecológica, mas um campo de atuação política, onde muitas mulheres desafiam as estruturas do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo, unindo arte, educação e ativismo. Se, por um lado, o sistema *fast fashion* consome e descarta corpos e materiais; por outro, *upcyclers* ressignificam os restos, criando novas³ epistemologias do fazer.

A associação do *hacking* com o campo da moda foi abordada pelo pesquisador Bush (2008), em sua tese defendida pela Universidade de Gotemburgo, na Suécia. O autor utiliza o termo *Fashion Hacking*, fazendo analogia ao *hacking* da cultura digital, para propor uma reinvenção participativa da moda, onde as pessoas não são meras consumidoras, mas

¹ *Suprareciclaje* em espanhol, utilizado em alguns países da América latina para *upcycling* (Suprareciclaje, 2025)

² Transmutação Têxtil, expressão proposto pela artista brasileira Vicenta Perrota.

³ "Novas", entre aspas, porque o ato de reaproveitar, reutilizar e recriar roupas usadas com o que se tem disponível, sempre existiu ao longo da história, muitas vezes por necessidade.



ativas na cocriação de roupas. Um dos pilares da pesquisa é a ideia de tornar as pessoas "fashion-able" (capazes de fazer moda) com o que está parado no armário. Isso envolve disseminar habilidades práticas como costura e reforma de roupas, que permitam aos indivíduos intervirem ativamente em seu vestuário, ganhando autonomia em relação ao sistema de moda convencional. Em sua perspectiva, a moda é vista como um "sistema operacional do capitalismo contemporâneo", que pode ser reprogramado para fins mais democráticos e inclusivos. Para Bush (apud Brien, 2008, n.p.), "é melhor fazer a mudança a partir de dentro do sistema, não destruindo-o, mas construindo sobre ele". O autor conecta essa abordagem com as de Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, e John Dewey, em *Democracia e Educação*, tratando o ensino de habilidades manuais como um caminho para construção de agência individual (Colburn, 2012). Neste artigo, ampliamos a perspectiva proposta por Bush, trazendo abordagens feministas, populares e sob a ótica do Brasil e da América Latina.

O termo *Fashion Hacker* também foi associado ao *upcycling* pela marca chilena Docena, em um projeto que fez parte do movimento Open Studio, do Fashion Revolution Global, em 2022. O trabalho envolvia palestras e um documentário, que mostra um ser extraterrestre em sua nave espacial, chegando a Valparaíso, no Chile. No vídeo, uma narração descreve o comportamento dos seres humanos, as características do Chile, o cenário dos resíduos têxteis e o *upcycling* como processo criativo. A produção denuncia a migração anual de 59 mil toneladas de roupas pós-consumo do Norte global para o Chile, das quais pelo menos 39 mil toneladas são descartadas no Deserto do Atacama (Docena, 2022). A narração relata ainda, que a marca Docena nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 2004, e que o ativismo praticado por seus integrantes vem de muito antes do ofício *upcycling*, "se converter em uma profissão em redes sociais". Eles mencionam que usam "fashion hackers porque utilizam a velocidade da moda para criar uma moda sem tempo" (Docena, 2022).

Outra perspectiva sobre o tema é proposta pelo coletivo feminista SSL Nagbot (2016), que questiona a noção dominante do *hacker* como um homem branco, heterossexual e programador do Norte global. SSL Nagbot (2016) segue com esta ideia de *hacker*, mas avança ao incorporar o *Making*, — o fazer manual associado a práticas têxteis e decorativas, historicamente construídas à feminilidade. Assim, o coletivo propõe que, para as mulheres, o ato de hackear está intrinsecamente ligado ao "fazer". *O Hacking/Making Feminista* (SSL Nagbot, 2016)⁴ analisa tecnologia, gênero e justiça social pelas lentes da interseccionalidade, considerando gênero, raça, classe e outros marcadores sociais. A relevância dessa discussão reside em seu potencial para desafiar narrativas hegemônicas, destacando histórias, vozes e experiências frequentemente silenciadas,

⁴ SSL Nagbot é um pseudônimo que foi criado pelas autoras para desafiar a ideia de autoria ou crédito singular hierarquizado, trazendo maior importância para a escrita colaborativa no meio acadêmico. Surgiu da combinação das primeiras letras dos primeiros nomes das autoras, SSL; e das duas primeiras letras dos sobrenomes embaralhados. Elas se inspiraram em duas vertentes do pensamento feminista, a combinação nas economistas políticas feministas, J.K. Gibson-Graham e na ideia de Sara Ahmed (2010) de "desmancha-prazeres feministas" (SSL Nagbot, 2016).



assim como confrontar estruturas tecnológicas opressivas. As autoras, apontam que o *Hacking/Making* Feminista busca reposicionar a história das mulheres na costura, "recuperando seu lugar nos campos do design e da computação" (SSL Nagbot, 2016, n.p.). De acordo com SSL Nagbot (2016), essa abordagem atravessa diversas áreas, como design, artesanato, antropologia cultural, sociologia, estudos de gênero, ciência da computação e estudos culturais.

Este artigo faz parte da pesquisa de um doutorado em andamento e tem o intuito de trazer reflexões introdutórias sobre a busca por outras perspectivas e vocabulários para analisar as práticas do *upcycling* como ato político, se inspirando no que o Manifesto Hacker (Wark, 2022) propõe. Entendemos essa prática como um gesto subversivo, que converte resíduos em narrativas de resistência que colocam em discussão as hierarquias de gênero, raça, classe e outras estruturas opressivas. Portanto, abordamos o *upcycling*⁵ não como solução técnica, mas como prática política e educacional emancipatória, que não pode passar despercebida.

Para facilitar o percurso metodológico, adotamos o termo *upcyclers* para designar pessoas que trabalham com costura, artes visuais, design e manualidades têxteis como prática política, a partir do reaproveitamento de roupas pós-consumo. Reconhecemos que nem todas as pessoas se identificam com essa nomenclatura, colocando em consonância a perspectiva da teórica feminista bell hooks (2013, p. 86), quando ela escreve que "é possível teorizar sem dominar o vocabulário acadêmico, assim como a posse de um termo não cria, por si só, uma prática ou processo".

As fontes utilizadas são de natureza bibliográfica, uma vez que se baseiam em contribuições de autoras e autores consultados em livros, teses e artigos científicos (Severino, 2016), e de natureza documental, por abranger diferentes tipos de registros, como publicações, matérias jornalísticas online, releases, conteúdos de redes sociais e videodocumentários (YIN, 2003). Foram utilizados como lentes de análises, perspectivas feministas interseccionais, decoloniais, anticapitalistas da educação crítica dialógica tendo conceitos do Manifesto Hacker (Wark, 2022, p. 28), como o de hackear "o novo a partir do velho", como fio condutor.

2 *Upcycling* como Práxis

Vivemos imersos em um sistema capitalista que prioriza o lucro acima de qualquer valor humano, outras formas de vida e preservação da natureza. Embora este artigo não tenha como objetivo se aprofundar neste tema, é importante salientar que nossa análise, interpretação e compreensão teórica, é perpassada pelo entendimento de como os sistemas operam, conectando as perspectivas marxianas com o feminismo interseccional, e teorizações ecológicas, políticas, anti-imperialistas e antirracistas. Para isso,

⁵ O termo *upcycling* foi cunhado pelo engenheiro alemão Reine Pilz, publicado no periódico *Salvo* (1994), especializado em reutilização de materiais de demolição e construção civil. A menção tinha como objetivo contrapor ao processo *downcycling*, que é a reciclagem do qual o valor final do produto se mantém igual ou inferior (McDonough; Braungart, 2013; Fletcher; Grose, 2011; Salcedo, 2014).



consideramos a perspectiva de Fraser (2024), que desenvolve o conceito de "capitalismo canibal" - um sistema que devora corpos, territórios e culturas, convertendo-os em mercadorias. Segundo a autora, o capitalismo se define como:

um sistema econômico definido pela propriedade privada, a acumulação de um valor que 'se' expande, a alocação mercadológica do excedente social e insumos essenciais para produção de mercadorias incluindo o trabalho 'duplamente livre', é possibilitado por quatro condições de fundo cruciais que dizem respeito, respectivamente, à reprodução social, à ecologia do planeta, ao poder político e às infusões contínuas da riqueza expropriada de povos racializados (Fraser, 2024, p.40).

Fraser (2024, p. 39) amplia essa concepção ao analisar o capitalismo como sociedade que domina e oprime racialmente e de maneira imperialista, ao dividir "as classes produtoras em duas categorias distintas de pessoas: uma adequada para a 'mera' exploração, e outras destinadas à expropriação bruta". Isto posto, compreendemos que o *fast fashion* materializa a lógica capitalista na moda, através de um ciclo vicioso: consome recursos naturais vorazmente, explora trabalhadores, reproduz tendências com rapidez e em larga escala, estimula o consumo via estratégias de publicidade persuasivas por meios digitais e financeiros, culminando no descarte de toneladas de peças — sua obsolescência programada — tudo em nome do lucro acelerado.

A história da indústria têxtil e moda, é indissociável do trabalho de reprodução social realizado pelas mulheres. Federici (2021) demonstra como, desde a Revolução Industrial, as mulheres foram confinadas às esferas domésticas e ao trabalho da costura à máquina, sustentando uma economia que as explorava sem reconhecimento, e que segue até os dias atuais. Um trabalho que antes perpassava pelas manualidades, e ao transitar "da agulha à máquina" (Saffioti, 1981, p. 177)⁶, foi se tornando supérflua, passando a atuar de maneira mais "manipulável segundo as necessidades de cada conjuntura socioeconômica", o que também acabou por excluir muitas mulheres do processo produtivo formal. Na contemporaneidade, em um mundo globalizado, marcas transnacionais terceirizam a produção para países pobres do Sul global, operárias enfrentam jornadas exaustivas por salários ínfimos ou remuneração por peça. Na outra ponta, no final da cadeia têxtil, temos mulheres trabalhadoras, muitas delas racializadas e à margem do capitalismo, reaproveitando resíduos têxteis, por uma estratégia de sobrevivência e não apenas por uma questão ambiental.

O conceito de sustentabilidade, cooptado pela mídia e grandes empresas, muitas vezes reduz o debate a "consumo consciente", ignorando as raízes colonialistas da produção e desperdício, culpabilizando pessoas, nomeadas de consumidoras. O verdadeiro reaproveitamento, que é político, exige trabalho digno: remunerar justamente costureiras

⁶ A obra "Do artesanal ao Industrial: A exploração da mulher - Um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos" foi resultado da livre-docência defendida em 1967, da autora. Saffioti apresenta dados que confirmam a marginalização da mulher no setor têxtil e de confecções, com o desenvolvimento da tecnologia industrial e do capitalismo tardio no contexto brasileiro.



e artesãs; restituir, devolver terras e saberes a comunidades tradicionais; desacelerar, desglobalizar (Solón, 2019). Parar com a lógica do novo a qualquer custo, da falta de cuidado, do individualismo e da competição. Romper com a extração de recursos naturais, com o antropocentrismo, com o projeto de modernidade, progresso ilimitado e com a “visão compartimentada, mecanicista e patriarcal da realidade” (Boff, 2016, p. 79).

No contexto contemporâneo, o *upcycling* emerge como uma prática que ressignifica as narrativas no âmbito de mercado, de produção de bens de consumo, nas artes, na educação, transformando descartes em novas peças carregadas de sentido. Traz uma abordagem que desafia a lógica do consumo massificado, e ainda se insere em um movimento mais amplo de resistência à homogeneização e à estereotipação, ao defender a multiplicidade de histórias e experiências, por meio do *Do It Yourself*, do Faça você mesmo. O processo criativo *upcycling* permite conexão com as memórias individuais e coletivas inscritas nas roupas. Cada peça carrega consigo vestígios de corpos, tempos e lugares, tornando-se um repositório de subjetividades e experiências, como será exposto a seguir.

3. Resíduos Têxteis Pós-consumo Viram Código-fonte

A interseção entre *upcycling* de roupas usadas, moda e tecnologia nos convida a refletir sobre as hierarquias estéticas e sociais que permeiam o universo têxtil. Como aponta Simioni (2020), as práticas têxteis historicamente foram associadas a sujeitos marginalizados, especialmente mulheres, trabalhadoras e artesãs. O *upcycling*, ao valorizar o trabalho manual e a criatividade, desafia essas hierarquias, reinscrevendo as artes têxteis no centro dos debates sobre arte, design e sustentabilidade. As redes sociais, nesse contexto, tornam-se ferramentas hacktivistas: plataformas que visibilizam práticas antes confinadas à esfera doméstica e encontro de mulheres, conectando-as a circuitos globais de valorização.

Os mesmos algoritmos que padronizam e modulam os comportamentos de consumo, também permitem a disseminação subversiva de saberes. Vídeos de poucos segundos ensinando técnicas de reaproveitamento operam como arquivos vivos, democratizam conhecimentos ancestrais que antes circulavam apenas dentro de comunidades específicas. A tecnologia, aqui, não apaga memórias, mas as multiplica, criando camadas de significado que ligam passado e presente. Mas também, descontextualiza, sistematiza um saber como uma tarefa, um fazer rápido, como algo simples, o que não é.

Acreditamos que o uso do termo *upcycling*, como algo que transforma descartes em objetos de valor estético e como ato político, colabora para colocar o tema em debate, com o poder de contestar a lógica industrial que vem definindo o que e quem merece ser preservado. O *upcycling*, então, pode ser visto como uma arqueologia do presente, que desenterra o que foi descartado e o devolve como questionamento crítico para a atualidade. Ao trabalhar com restos, o *upcycling* nos confronta com questões sobre o que é preservado e o que é descartado, tanto material quanto simbolicamente. Essa reflexão é



particularmente relevante quando consideramos as desigualdades sociais: enquanto alguns têm o privilégio de descartar, outros são obrigados a se apropriar dos restos como estratégia de sobrevivência. O *upcycling*, portanto, também tem a capacidade de revelar as assimetrias de poder na sociedade. Este debate exige lentes interseccionais: gênero, raça e classe muitas vezes determinam quem tem o privilégio de escolher o *upcycling* e quem o já praticava por necessidade.

No ensaio "O Casaco de Marx", Stallybrass (2016) explora como objetos cotidianos podem se tornar veículos de memória e afeto. O casaco de Marx, penhorado e resgatado diversas vezes, serve como metáfora para a relação entre objetos, histórias e identidades, colocando os objetos não como algo meramente passivo, mas ativos na construção de narrativas pessoais e coletivas. No contexto do *upcycling*, essa perspectiva nos ajuda a entender como os materiais reutilizados carregam consigo histórias que são reinterpretadas e reinscritas em novos contextos históricos. Um vestido feito de retalhos, por exemplo, pode contar a história de várias gerações de mulheres, suas lutas e conquistas.

Dentro desta lógica, há artistas como a inglesa Carolina Caycedo, filha de colombianos, cuja pesquisa se concentra nos movimentos de resistência feminina e nos impactos socioambientais do desenvolvimento na América Latina. Em 2019, sua obra "Mujeres em Mi" (Mulheres em Mim) integrou a exposição "Histórias das Mulheres, Histórias Feministas", no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Caycedo reuniu peças doadas por mulheres de seu círculo pessoal e outras mulheres. Cada peça de vestuário, costurada umas às outras como num tecido social, trazia bordados com nomes das doadoras das roupas, transformando o conjunto num memorial têxtil de presenças femininas (Figura 1).

Figura 1: Mujeres en Mi - Carolina Caycedo



Fonte: Arquivo das autoras (2019).



A resiliência dos têxteis espelha a resistência dos corpos que os manipulam. Como afirma Bryan-Wilson (2019), tecidos são meios de insurgência feminista – mas sua exclusão dos cânones artísticos revela hierarquias profundas. Nos últimos anos, diversas exposições têm dado visibilidade a artistas mulheres e à arte têxtil, abordando pautas políticas de gênero e sustentabilidade. No quadro a seguir, destacamos 3 exposições:

Quadro 1 – Exposições com obras feitas com reaproveitamento Têxtil

Scraps: Fashion, Textiles, and Creative Reuse - Three Stories of Sustainable Design.
Nova Iorque, Estados Unidos.
(SCRAPS, 2025).

Realizada entre 2016 e 2017, no Cooper Hewitt Smithsonian Design Museum. A mostra apresentou o trabalho de três designers que reutilizam resíduos têxteis, preservando tradições artesanais locais: Luisa Cevese, fundadora da Riedzioni, de Milão; Christina Kim, da dosa inc., de Los Angeles; e Reiko Sudo, diretora da NUNO, de Toquio (Figura 2).

Histórias das Mulheres, Histórias Feministas.
São Paulo, Brasil.
(MASP, 2025).

Duas exposições realizadas em 2019, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Na exposição “Históricas das Mulheres”, foram expostas obras de artistas mulheres até 1900. Na “Histórias Feministas”, foram expostos trabalhos a partir dos anos 2000 e que tinham como abordagem a discussão de gênero, corpo, sexualidade, classe social, etnia e raça (Figura 1).

The Fabric of Felicity
Moscou, Rússia.
(THE FABRIC, 2025).

Realizada entre setembro de 2018 e janeiro de 2019, no Garage Museum of Contemporary Art, a exposição explorou as conexões geográficas e históricas dos tecidos, muitas vezes subjugadas ao capitalismo. As obras abordaram temas do vestuário como metáfora de massas, pintura abstrata, desgaste sociológico e identidade cultural e sexual (Figura 4).

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2025).

Figura 2: Exposição Scraps: Fashion, Textiles, and Creative Reuse



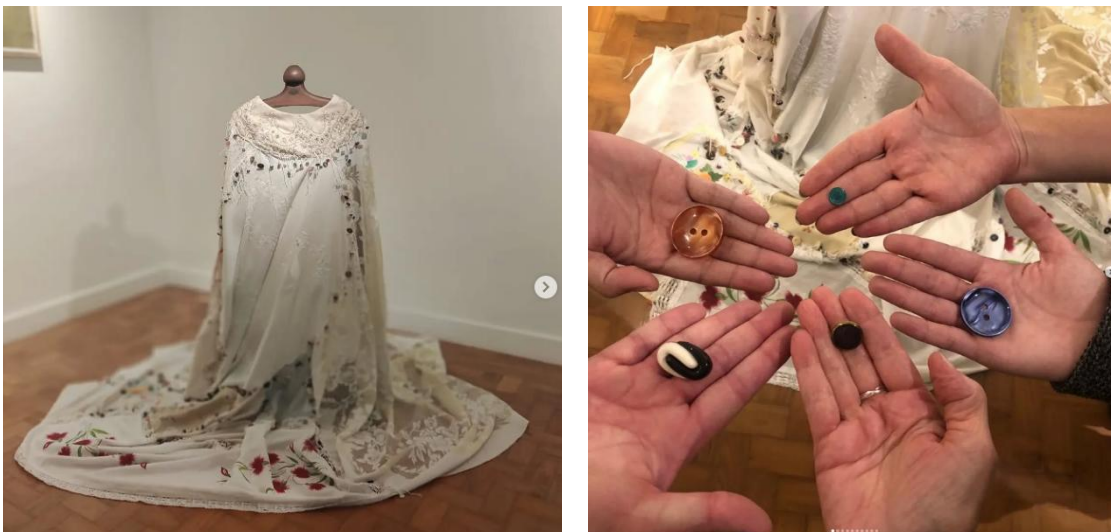
Fonte: Cooperhewitt (2017).



As roupas, antes de tudo, são elementos concretos com os quais interagimos constantemente, não saímos de casa sem. Elas constituem a barreira inicial entre nosso corpo e o ambiente externo, revestindo e dando movimento à nossa forma física. Essas mesmas vestimentas funcionam como veículos de comunicação social, carregando significados que demarcam distinções culturais e nos inserem nas complexas redes de produção e consumo do sistema capitalista.

O *upcycling* como uma prática de preservação, ressignificação da memória e da história pode ser vista na obra "O Manto dos Sonhos Adiadados" (Figura 3), da carioca, artista têxtil e arteterapeuta, Thais Ribeiro. Este trabalho foi apresentado no Ateliê Alê, com performance de Thatiana Cardoso, e exposto na Traffic(o) da Uncool Artist, em São Paulo. A obra evoca, segundo a artista, "tudo aquilo que adiamos na nossa vida, deixamos guardado para um momento especial ou para a hora certa, que nunca chega". Trata-se de uma obra interativa, só acontece com a participação do público. "Ao retirar um botão, o peso do Manto diminui, e o espectador assume um compromisso consigo mesmo de realizar algo que vem adiando há tempos", escreve Ribeiro (2022).

Figura 3: O Manto dos Sonhos Adiadados - Thais Ribeiro



Fonte: Thaisribeiroafaria (2022).

Na instalação *Le Mer Morte* (Figura 4), apresentada na exposição *The Fabric of Felicity*, em Moscou, no ano de 2019, Kader Attia cria um pungente memorial às vítimas das travessias migratórias no Mediterrâneo, em 2015. A obra dialoga com uma série fotográfica de 2008 que mostra jovens argelinos contemplando o mesmo mar. Através dessa montagem temporal, Attia estabelece uma crítica contundente à contradição do mundo globalizado: enquanto há uma livre circulação de itens de consumo e logística de transporte eficiente e ágil, rígidas políticas migratórias nas fronteiras estão cada vez mais militarizadas (Baciak, 2019). Sua obra transforma tecidos em testemunhos silenciosos dessa geopolítica desigual e opressiva.



Figura 4: Le Mer Morte - Kader Attia



Fonte: Baciak (2019).

Em um mundo marcado pela crise ecológica e pela desigualdade social, o *upcycling*, embora não consiga vencer a quantidade de resíduos gerados pela indústria *fast fashion*, nos oferece caminhos para imaginar futuros possíveis.

A Figura 5 apresenta um trabalho de *upcycling* realizado pela designer e co-autora desta pesquisa. Trata-se do redesign de calças jeans e de alfaiataria. As peças costumam incorporar suas memórias e identidade como pessoa nipo-latino-americana, mesclando referências de sua ancestralidade japonesa com influências do universo *cyberpunk* — gênero de ficção científica que apresenta um mundo distópico com “alta tecnologia e baixa qualidade de vida”, com uma estética cibernética somada ao *punk* alterativo. A saia e o kimono, da Figura 5, fizeram parte da exposição “É Consciente & Coletivo - Práticas de *Upcycling*”, no Instituto Europeo di Design, em São Paulo, durante a Semana Fashion Revolution 2025 (Hidaka_ *upcycling*, 2025).



Figura 5: Redesign de roupas – Hidaka Upcycling



Fonte: Acervo da autora (2025).

Ao transformar uma calça antiga em uma nova vestimenta, não apenas se evita o desperdício, mas também se reativa uma história, recontando-a de maneira singular. O *redesign*, como recriação de resíduos, descoloniza materiais, roupas usadas ganham novos significados pela prática de reativar saberes ancestrais.

4 Entrelaçamentos: *Upcycling/Hacking*

O Manifesto Hacker propõe uma crítica ao capitalismo informacional, defendendo a liberação do conhecimento e a criação de alternativas pela classe hacker, às estruturas de controle da classe vetorial, a classe dominante, “chamados dessa forma porque controlam os vetores diante dos quais a informação é abstraída” (Wark, 2022, p. 37). Dessa forma, buscamos articular o Manifesto Hacker ao contexto e práticas de resistência pelo material têxtil. Trata-se de um estudo preliminar e compreendemos até o presente de que os entrelaçamentos podem se manifestar de três diferentes maneiras:

1. **“Hackear é a produção da produção”** (Wark, 2022, p. 87): para Wark (2022), *hackers* subvertem códigos e sistemas fechados, transformando informação em bens comuns. A ética *hacker* valoriza a colaboração, a modificação e a circulação livre do conhecimento. O *upcycling* como prática de transformar resíduos em produtos de maior valor, tem se tornado cada vez mais um movimento coletivo e aberto, semelhante aos princípios do software livre. Nas plataformas digitais como Instagram e TikTok, pessoas que



costuram, compartilham técnicas criativas de reaproveitamento têxtil, democratizam o conhecimento, promovendo uma forma de hacktivismo. O ato de remendar e reparar roupas é um *hack* material, que desafia a lógica linear de produção-consumo-descarte. Assim como *hackers* “desmontam” e fazem engenharia reversa em softwares para entender e reescrever suas lógicas, *upcyclers* desmontam roupas para reescrever histórias.

Na região central de São Paulo, conhecida como "Cracolândia" ou "área do fluxo", um grupo de mulheres trans e cis hackeia o sistema da moda *fast fashion* com suas máquinas de costura, comunicação em redes sociais, educação não formal por meio das oficinas, venda de produtos (Figura 6) e muita resistência. O Coletivo Tem Sentimento, sediado junto ao Teatro de Container, transforma desperdícios têxteis em geração de renda e cuidado comunitário. O grupo surgiu a partir das ações de Carmem Lopes, que em 2013 trabalhou como orientadora socioeducativa e depois como assistente social durante a implantação do projeto Braços Abertos (Lopes, 2020). Carmem realizava oficinas de autocuidado e confecção de calcinhas para mulheres em situação de rua, um item que raramente recebem por doações. Durante a pandemia, entre 2020 e 2021, o coletivo produziu máscaras, bolsas para guardar cobertores feitas com retalhos de tecido, distribuiu kits de higiene e marmitas para a população em situação de vulnerabilidade social. Carmem conta que a ideia das oficinas de costura surgiu de suas memórias de infância, ao lembrar da mãe e da avó costurando. “Acho que é isso, né? Costurar histórias”, conta Carmen (Lopes, 2021).

Figura 6: Produtos - Coletivo Tem Sentimento



Fonte: E-commerce (2025).

2. **“Hackear é abstrair.** Abstrair é produzir o plano sobre o qual coisas diferentes podem entrar em relação” (Wark, 2022, p. 59). Para Wark (2022), a tecnologia não é neutra, pode ser usada por exemplo para vigilância, pela classe vetorial, ou para emancipação, por *hackers*. Se as redes sociais, por um lado, reproduzem conteúdos que homogeneizam



corpos e tendências por meio de influenciadores do *fast fashion*; por outro, *upcyclers*, viabilizam a disseminação de técnicas manuais que expõem as diferentes identidades.

O coletivo colombiano Artesanal Tecnológica⁷, se define no Instagram como “*costureiro/colectivo/laboratório feminista intergeneracional e interdisciplinario*”, e tem como objetivo investigar o fazer dos têxteis e a tecnologia (ARTESANAL, 2025). Trata-se de um projeto proposto pela professora Tania Pérez Bustos, que busca questionar os imaginários socialmente construídos que separam o digital do têxtil, sem impor novas dicotomias. Segundo participantes da Artesanal Tecnológica, a conexão entre o computacional e o têxtil é vasta e histórica. Elas mencionam quando a humanidade foi à Lua, no final da década de 1960 e as memórias que armazenavam informações eram tecidas manualmente (Figura 7).

Figura 7: Mulher trabalhando em software integrado ao fio: computador de orientação Apollo



Fonte: *Software woven* (2019).

Conforme a profa. Tania, “existe uma relação entre têxtil e tecnologias digitais que foi expropriada e que precisamos recuperá-las” (Artesanal, 22, 3:27”). A professora acrescenta que sob o capitalismo, ao expropriar as experiências, nos fazemos esquecer facilmente o lugar central que o têxtil ocupa em nossas vidas, sua importância material, de construção de identidade e política. Os tecidos nos representam – as roupas que vestimos comunicam quem somos, mas também cumprem outras funções. Ao reconhecermos o

⁷ Indicação da profa. Sâmia Batista, durante a minha apresentação do artigo “*Upcyclingtivism* de resíduos têxteis pós-consumo: discussões preliminares para o uso do termo”, no “IV Colóquio de Pesquisa em Design e Arte: arte, design, (re)invenção política e transformação social”, realizado online em novembro de 2023.



têxtil como tecnologia, podemos repensar o que consideramos "tecnológico", não como caminhos separados, mas como modos convergentes de produção de conhecimento (ARTESANAL, 2022). Cada vez mais, metáforas têxteis permeiam o universo digital: "seguir o fio", "desenrolar a linha", conforme a antropóloga, bordadeira e tecelã Isabel Cristina González Arango (ARTESANAL, 2022, 4:30min).

No projeto “El Costurero Viajero”, o primeiro experimento que integrou componentes físicos e digitais, Laura Juliana Cortés Rico, engenheira eletrônica e professora, conta que o coletivo desenvolveu um costureiro móvel com elementos têxteis e digitais para divulgar informações de comunidades que usam o tear como resistência e construção de memória histórica. As peças, que viajavam fisicamente, eram documentadas em um aplicativo, criando um arquivo acessível online. O Coletivo Artesanal Tecnológica documentou conflitos por meio de têxteis, gerando o que chamaram de “têxteis digitais testemunhais”. O “Olho da Agulha”, por exemplo, é um memorial e arquivo têxtil que homenageia líderes, defensoras e signatários de paz. Essas práticas mostram como o têxtil – como tecnologia ancestral e contemporânea – preserva histórias que outros formatos não conseguem capturar (ARTESANAL, 2022).

3) “**Hackear reside, antes de tudo, na livre circulação da informação**” (Wark, p. 58): para Wark (2022), o manifesto denuncia a exploração do trabalho imaterial por corporações que monetizam a criatividade. E assim como *hackers* desafiam a acumulação vetorial e promovem softwares livres contra o monopólio das *big techs*, *upcyclers/hackers* expõem a precarização do trabalho feminino e racializado na indústria têxtil; compartilhando técnicas de *upcycling* livremente.

No dia 15 de setembro de 2024, a convite do Fashion Revolution, o coletivo Upcycling é Resistência (2024) ocupou parte da Galeria Metrópolis, em São Paulo, durante a ação global “Setembro de Segunda Mão”. O espaço foi transformado no que podemos chamar de um ateliê *hacker* de vestuário. Assim como *hackers* desmontam códigos para subverter a lógica do capitalismo digital, o coletivo desafiou o sistema da moda descartável, reprogramando roupas e acessórios em um gesto de sabotagem criativa para pessoas que passavam pela galeria. Enquanto Wark (2022) denuncia a classe vetorial que controla informações via plataformas, *upcyclers* do ateliê aberto expuseram a exploração do trabalho feminino pela indústria da moda *fast fashion*.



Figura 8: Evento Setembro de Segunda Mão - Oficina Aberta de Customização



Fonte: Upcyclingeresistencia (2024).

Assim, manifestamos que toda roupa é um sistema a ser hackeado. Se hackers libertam informações, *upcyclers* libertam memórias dos resíduos pós-consumo. A galeria virou um servidor temporário, onde as pessoas podiam ser coautoras criativas, reparando coletivamente a lógica da produção linear.

5. Considerações Finais: o amanhã se costura hoje

Este trabalho se assume como um exercício de escrita que acompanha o movimento de *upcyclers/hackers* de resíduos têxteis pós-consumo. Um manifesto que se costura no processo, ao acompanhar os gestos de quem transforma, ponto a ponto, o lixo do capital em linguagem de resistência.

O poder revolucionário do *upcycling*, do reparo e do remendo de roupas, significa antes de tudo, um ato de re-existência. Se o capitalismo canibaliza vidas, o gesto de remendar é uma forma de costurar novas epistemologias, onde o lixo vira arte, e a arte vira protesto. Reaproveitar roupas como ato político é reescrever, linha a linha, um futuro em que sustentabilidade não se separe de reparação histórica. Como ensina Grada Kilomba (2018), a epistemologia “define não somente como, mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditarmos”, portanto consideramos que cada retalho remendado é um gesto de "desobediência epistêmica" contra o projeto capitalista/patriarcal/colonial que insiste em descartar pessoas, outras formas de vida e a natureza.

Nas mãos de *upcyclers* que praticam ativismo político, o pano vira poema, a linha vira manifesto, e a agulha — afiada pela urgência — borda um novo imaginário: justo, plural e impossível de ser rasgado. As artes têxteis, em sua complexidade e multiplicidade,



continuam a nos interpelar, convidando-nos a tecer novas tramas de histórias das mulheres, memórias e resistências ao que está posto.

O *upcycling* conduz fios que se entrelaçam nessa teia, desafiando-nos a repensar não apenas o que vestimos e recriamos, mas também os sistemas nos quais estamos inseridos. Importa como contamos nossas histórias, como as conectamos ao mundo e aos outros, sem nos descolar da realidade (FREIRE, 2019). O *upcycling/hacking*, como prática criativa e política, resiste tecendo códigos, costurando futuros.

Agradecimentos

Ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde maio de 2024.

6 Referências

ARTESANAL tecnológica. **#InterfazAbierta**. Universidade Nacional de Colombia – UNAL, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gWpK1xJ2NBI&t=81s>. Acesso em: 3 maio 2025.

BACIAK, Mirela; SZABELSKI, Tytus. **If I Were a Sneaker**. “The Fabric of Felicity” at GARAGE Museum of Contemporary Art in Moscow. *BLOK MAGAZINE*, 2019. Disponível em: <https://blokmagazine.com/if-i-were-a-sneaker-the-fabric-of-felicity-at-garage-museum-of-contemporary-art-in-moscow/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é - O que não é**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BRASIL. **Brasil descarta 4 milhões de toneladas de resíduos têxteis por ano**. *Agência Brasil*, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2025-04/brasil-descarta-4-milhoes-de-toneladas-de-residuos-texteis-por-ano>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BRIEN, Patricia. **Otto Von Busch: Fashion Hactivism**. *DAZED*, 2008. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/fashion/article/1466/1/otto-von-busch-fashion-hactivism>. Acesso em: 1 mar. 2025.

BRYAN-WILSON, Julia; LEME, Mariana; PEDROSA, Adriano; RJEILLE, Isabella (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. v. 1. São Paulo: MASP, 2019.

BUSCH, Otto von. **FASHION-able: Hactivism and engaged fashion design**. Tese de doutorado. School of Design and Crafts (HDK) Faculty of Fine, Applied and Performing Arts, University of Gothenburg, Suécia, 2008.

COLBURN, Mae. **Interview with Otto von Busch: Fashion+Sustainability—Lines of Research Series. Fashion Projects**, 2012. Disponível em: <https://www.fashionprojects.org/blog/3858>. Acesso em: 2 mar. 2025.

DOCENA. **Fashion Hackers**. 2022. Disponível em: <https://docena.net/fashion-hacker/>. Acesso em: 20 fev. 2025.



ECOMMERCE. **Coletivo Tem Sentimento**. Bolsa quadrada retalhos variados. Disponível em: <https://www.coletivotemsentimento.com.br/product-page/bolsa-quadrada-retalhos-variados>. Acesso em: 2 maio 2025.

FEDERICI, Silvia. **Patriarcado do Salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & sustentabilidade: Design para mudança**. São Paulo: Senac, 2011.

FRASER, Nancy. **Capitalismo Canibal: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso**. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FREE, Software Foundation. **Free software is a matter of liberty, not price**. — Working together for free software. Disponível em: <<https://www.fsf.org/about/>>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HIDAKA_UPCYCLING. **Exposição | É Consciente & Coletivo - Práticas de Upcycling**. Instagram, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DI48QaKRl1n/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento – Uma Palestra-Performance**. Tradução de Jéssica Oliveira, 2016. Disponível em: <https://joacamilopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LOPES, Carmen. [doc] [ativismo] **Coletivo Tem Sentimento**. "Teia Documenta". Dir. Cassandra Melo e Paulo Pereira, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DZK_aaNyGCA. Acesso em: 1 fev. 2025.

LOPES, Carmen. **Coletivo Tem Sentimento fala sobre seu trabalho no centro da cidade**. Canal da Via, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S3R5FzmHdsl>. Acesso em: 1 jan. 2025.

MASP. **Histórias das mulheres, histórias feministas**. 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/publicacoes/historias-das-mulheres-historias-feministas>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MCDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael. **Cradle to Cradle - Criar e reciclar ilimitadamente**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.



SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Do artesanal ao Industrial: A exploração da mulher - Um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável**. São Paulo: Editora G.Gili, 2014.

SALVO. *Reine Pilz's interview*. 11 out. 1994. Disponível em: <https://www.salvoweb.com/files/sn99sm24y94tk181119.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SCRAPS. **Scraps: Fashion, Textiles, and Creative Reuse**. 2016. Disponível em: <https://www.cooperhewitt.org/channel/scraps/>. Acesso em: 10 maio 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SIMIONI, Ana Paula. In: LEME, Mariana; PEDROSA, Adriano; RJEILLE, Isabella (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. v. 1. São Paulo: MASP, 2019.

SOFTWARE woven into wire: Core rope and the Apollo Guidance Computer. 2019. Disponível em: <https://www.righto.com/2019/07/software-woven-into-wire-core-rope-and.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOLÓN, Pablo (org.). **Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

SSL NAGBOT. **Hacking/Making: Exploring new gender horizons of possibility**. *Peer Production*, n. 8, 2016. Disponível em: <http://peerproduction.net/issues/issue-8-feminism-and-unhacking-2/feminist-hackingmaking-exploring-new-gender-horizons-of-possibility/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx: roupa, memória, dor**. 5. ed. São Paulo: Autêntica, 2016.

SUPRARECICLAJE. **Si sos suprarecyclador súmate al movimiento**. Instagram, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/supra_org. Acesso em: 1 fev. 2025.

SUSTEXMODA. **Instituto Sustentabilidade Têxtil e Moda - Residômetro**. 2025. Disponível em: <https://www.sustexmoda.org/resid%C3%B4metro>. Acesso em: 7 jul. 2025.

THAISRIBEIROAFARIA. **O Manto dos Sonhos Adiados**. Instagram, 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcoHCDaFICc/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

THE FABRIC of Felicity. *Garagem Museum of Contemporary Art*, 2018. Disponível em: <https://garagemca.org/en/exhibition/i-the-fabric-of-felicity-2018-i>. Acesso em: 30 jun. 2025.

UPCYCLINGERESISTENCIA. **Setembro de segunda mão**. Instagram, 25 set. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAW18HBxorh/>. Acesso em: 10 abr. 2025.



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_

X SDS 2025 - Sustainable Design Symposium

**3 a 5
DEZ
2025**

São Luís - MA



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-graduação
em Design



WARK, McKenzie. **Um manifesto Hacker**. São Paulo: Funilaria e Sobinfluência Edições, 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.